

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

LUCIANA ALVES DOS SANTOS

**TEATRO COMO DISPOSITIVO DE INCLUSÃO PARA ALUNOS COM AUTISMO E
TDAH**

São Cristóvão-SE

2026

LUCIANA ALVES DOS SANTOS

**TEATRO COMO DISPOSITIVO DE INCLUSÃO PARA ALUNOS COM AUTISMO E
TDAH**

Monografia submetida ao Departamento de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Olívia Camboim
Romano Brazil

São Cristóvão-SE

2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Olívia Camboim Romano Brazil – Orientadora
Universidade Federal de Sergipe (DTE/UFS)

Prof. Dr. Marcelo Alves Brazil – (DTE/UFS)

Prof. M.e Lucas Wendel Silva Santos
IFS - Instituto Federal de Sergipe

27 de Fevereiro de 2026

São Cristóvão – SE

Dedico este trabalho aos professores.
Em especial aos educadores do ensino de
crianças e adolescentes, frente a tantos
desafios, dificuldades e também alegrias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial, ao meu pai, que já não está fisicamente presente, e é minha inspiração em tudo o que faço. Levo comigo a sua referência de dedicação para trazer à tona o melhor de mim. À minha amada mãe, a mulher que me mostrou o que significa verdadeira resiliência. Tudo foi, e ainda está sendo, construído sobre sua presença e apoio.

À Universidade Federal de Sergipe e ao Departamento de Teatro, por tudo que tornou possíveis minhas oportunidades educacionais e de vida. E, de maneira especial, à Prof.^a Dra. Olívia Camboim Romano Brazil, por sua manifesta dedicação em todos os momentos, a quem serei eternamente grata. Durante todo o processo me guiou com imensa paciência e sensibilidade. E apesar de não ser um tempo de normalidade para mim, foi luz.

RESUMO

Este trabalho busca avaliar o teatro como um dispositivo de inclusão na educação, focando especificamente em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O teatro é aqui compreendido como uma linguagem artística e educacional que, ao combinar corpo, voz, emoção e imaginação, enfatiza os processos de comunicação, interação social e expressão subjetiva no nível escolar. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, exploratória, com abordagem qualitativa, fundamentada em produções acadêmicas que discutem o teatro na educação, a educação inclusiva, a neurodiversidade e as práticas pedagógicas voltadas à diversidade. A fundamentação teórica dialoga com autores como Viola Spolin e Augusto Boal, cujas contribuições permitem compreender o teatro como prática participativa e formativa. Além da contribuição de Vera Maria Candau que dialoga por uma educação socialmente comprometida. É ambição que a pesquisa faça conexões entre atividades teatrais e a construção de um ambiente de aprendizagem acessível, sensível e democrático, onde os estudantes possam participar de maneira diversa, respeitando seus diferentes níveis de aprendizagem, habilidades e estilos de expressão próprios. O modelo teórico demonstra que o teatro, como mediador pedagógico, pode estimular a atividade, ludicidade, criatividade e trabalho em equipe. O jogo teatral promove a participação através de uma exploração prática da abordagem cênica. Os resultados sugerem que, quando desenvolvido com intencionalidade e reflexão, o teatro vai além do caráter artístico, consolidando-se como um propósito formativo que promove a inclusão escolar, aumenta a confiança e a autoestima dos estudantes, além de ampliar as oportunidades pedagógicas no ensino regular.

Palavras-chave: Teatro. Educação. Transtorno do Espectro Autista. TDAH. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study aims to analyze theater as a tool for inclusion in education, focusing on students with Autism Spectrum Disorder (ASD) and Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). In this context, theater is understood as an artistic and educational language that combines body, voice, emotion, and imagination, fostering communication, social interaction, and subjective expression in the school environment. The research is bibliographic and exploratory in nature, with a qualitative approach, based on academic studies addressing theater in education, inclusive education, neurodiversity, and pedagogical practices focused on diversity. The theoretical framework draws on authors such as Viola Spolin and Augusto Boal, whose contributions support the understanding of theater as a participatory and formative practice. It also incorporates the work of Vera Maria Candau, who emphasizes education as a socially committed practice. This study aims to establish connections between theatrical activities and the development of accessible, sensitive, and democratic learning environments, where students can participate in diverse ways, respecting their learning processes, abilities, and forms of expression. The theoretical model indicates that theater, as a pedagogical mediator, can promote engagement, playfulness, creativity, and teamwork. Theatrical activities encourage participation through practical and experiential approaches. The results suggest that, when developed with pedagogical intentionality and reflection, theater goes beyond its artistic function, becoming a formative practice that promotes school inclusion, strengthens students' confidence and self-esteem, and expands educational opportunities in regular education.

Keywords: Theater. Inclusive education. Autism Spectrum Disorder. ADHD. Pedagogical practices.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CDC - Centers for Disease Control and Prevention (Centros de Controle e Prevenção de Doenças).

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONG - Organização Não Governamental

PNE - Plano Nacional de Educação

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA - Transtorno do Espectro Autista

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Oficina de criação de personagens com crianças, 2023, p. 33.

Figura 2 - Oficina de criação de personagens com crianças, 2023, p. 34.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – TEATRO NA EDUCAÇÃO: ASPECTOS CONCEITUAIS, HISTÓRICOS E EDUCACIONAIS.....	15
1.1 O teatro: Aspectos conceituais e históricos	16
1.2 O teatro na educação	18
1.3 Educação Inclusiva e Neurodiversidade	22
1.4 O teatro como prática pedagógica inclusiva	24
CAPÍTULO 2 – TEATRO, INCLUSÃO E ALUNOS COM TEA E TDAH.....	28
2.1 A poética teatral como experiência pedagógica no contexto educacional	28
2.2 O papel do educador na mediação das experiências teatrais	29
2.3 O teatro como experiência sensível e formativa.....	30
2.4 Relato de experiência no trabalho com crianças com TEA e TDAH.....	31
2.5 A prática teatral e o respeito às singularidades	35
2.6 O teatro como possibilidade de uma educação mais humanizada.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

APRESENTAÇÃO

A atuação como professora da Educação Infantil em uma instituição de ensino privada, no Colégio AGES, no município de Paripiranga, Bahia, no ano de 2010, permitiu observar a importância de garantir que cada aluno tivesse a oportunidade de se envolver nas práticas e nos processos educativos, considerando a diversidade dos estudantes e suas realidades.

O interesse na temática começou a se desenvolver gradualmente anos depois, ao longo do Estágio IV, em 2023, realizado em uma Organização Não Governamental (ONG), a IDESA, com o Projeto Abraçando Vidas, durante o sétimo período do curso de Licenciatura em Teatro, em um cenário de variedade de problemas e complexidades enfrentados pelos estudantes. A experiência contribuiu para a expansão do interesse por encontrar uma pedagogia inclusiva mais eficaz.

A pesquisa busca não apenas respostas teóricas, mas compromisso com a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ser capaz de influenciar positiva e significativamente tanto os alunos quanto a sociedade em geral. O teatro é um instrumento de impacto para abordar a inclusão.

A razão para explorar mais essa questão é uma questão de pesquisa baseada no fato de que cada vez mais pessoas estão se conscientizando das dinâmicas de diversidade e inclusão.

Além do progresso significativo alcançado na defesa dos direitos das pessoas com deficiência. É crucial também explorar como traduzir esses princípios em práticas educacionais concretas.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é examinar teoricamente o teatro como prática pedagógica e inclusiva direcionada a estudantes da educação básica, especialmente crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

O teatro como prática permite a participação ativa por meio da apresentação do corpo, voz, emoção e imaginação. As pessoas podem gostar de diferentes tipos de comunicação e aprendizado e encontrar valor neles. Nesse sentido, o teatro como comunidade pode ser um ambiente acolhedor, uma oportunidade de escuta e um empreendimento do ato de formação de conhecimento coletivo.

O objetivo é examinar a interseção entre o teatro como arte e meio de conhecimento em todos os níveis da sociedade, social e comunicação, e domínio cultural. Primeiro, o Ministério da Saúde diz que o TEA é uma condição que ocorre durante o desenvolvimento cerebral, afetando habilidades de comunicação, interação social e comportamento. Espectro refere-se ao fato de que características, intensidade e sintomas variam nas pessoas (Brasil, 2021).

Tal conjunto de componentes deve ser enquadrado como práticas pedagógicas, onde diferentes formas de aprender e se expressar são valorizadas. Sobre o TDAH, é um transtorno neurocomportamental crônico da infância que afeta jovens adultos e é caracterizado por desatenção, inquietação e/ou impulsividade (Brasil, 2022).

Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025) informe que "Aproximadamente 1 em 127 pessoas em todo o mundo tinham autismo em 2021. Esta estimativa é uma média, e os números relatados variam consideravelmente entre os estudos". Dados mais atuais apresentados por centros de monitoramento avançados em países que possuem maior capacidade de diagnóstico, apontam que "a prevalência de TEA foi de 27,6 por 1.000 (uma em cada 36) crianças" nos Estados Unidos, segundo o Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023).

Esses dados evidenciam a necessidade de ampliar a compreensão acerca de como os transtornos do neurodesenvolvimento afetam os processos de aprendizagem e convivência no contexto educacional. Como esta pesquisa busca estudar a

educação para crianças e adolescentes, o debate sobre inclusão se tornará mais proeminente e relevante. O teatro como linguagem artística, ou como uma linguagem para aprender e ensinar, aparece como um modelo relevante para tornar os espaços educacionais mais acessíveis, participativos e significativos.

Com relação ao TDAH, o Ministério da Saúde, citando informações da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), explica que "a prevalência do TDAH varia por região do mundo entre 5% e 8%. Setenta por cento das crianças com a condição também têm comorbidade adicional e pelo menos 10% das crianças com o transtorno têm três ou mais comorbidades" (Brasil, 2022).

Uma reforma significativa adicional a esse respeito também é necessária para emendar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). (Lei nº 9.394/96), que exige que as instituições educacionais incluam o escopo da deficiência. Conforme previsto pela Lei nº 13.146, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) ou Estatuto da Pessoa com Deficiência de 2015. Com base no caso apresentado, observa-se que tanto o diagnóstico de TEA quanto de TDAH, bem como a abertura para os domínios relacionados à saúde, passaram por mudanças significativas que foram atribuídas aos avanços tecnológicos e políticas públicas que orientaram a implementação de intervenções.

Pergunta de pesquisa: Será possível que o Teatro contribua no contexto pedagógico para facilitar o desenvolvimento cognitivo e comportamental de alunos com TEA e TDAH?

Parte-se da noção de que a adaptação das práticas teatrais, que são informadas por estimulação sensorial e estratégias pedagógicas diferenciadas, contribui para o desenvolvimento da atenção, expressão emocional, socialização e participação ativa entre alunos com TEA e TDAH, favorecendo sua implementação no contexto escolar. Nessa mesma perspectiva, Boal (1998 *apud* Silva Filho, 2025, p. 22) amplia essa compreensão ao conceber o teatro como linguagem voltada à participação crítica e à transformação social, destacando seu papel formativo para além do espaço artístico. Isso significa que para um aluno autista chegar a ser o "protagonista" que Boal defende, a escola precisa primeiro oferecer as adaptações sensoriais necessárias

Em termos de metodologia, a pesquisa é descrita como bibliográfica,

exploratória e qualitativa com referência a literatura, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas sobre teatro na educação e contextos educacionais inclusivos.

As fontes que sustentam este trabalho foram selecionadas a partir de buscas realizadas exclusivamente em plataformas online. Priorizou-se o Google Acadêmico e repositórios de instituições de ensino superior, garantindo que o embasamento teórico fosse composto por artigos validados pelos pares e produções acadêmicas de relevância científica reconhecida.

Complementarmente, declara-se que este trabalho contou com o suporte de inteligência artificial (ChatGPT) em caráter consultivo e estratégico, visando otimizar a estrutura narrativa e sugerir o encadeamento mais adequado das seções. A ferramenta foi utilizada exclusivamente para o planejamento estrutural e a ordenação de tópicos, servindo como um facilitador na organização das ideias e das etapas deste estudo. Ressalta-se que o uso da tecnologia não substituiu o pensamento crítico, permanecendo a cargo do autor a pesquisa bibliográfica, a redação integral dos textos e a responsabilidade científica por todo o conteúdo apresentado.

Este artigo dialoga com os fundamentos teóricos da educação teatral e se envolve com autores que examinam as relações entre o meio e a educação. Centra-se em Viola Spolin, cujas contribuições para o campo dos jogos teatrais apoiam um conceito mais pedagogicamente participativo de teatro Vera Maria Candau (2011) que, embora foque sua análise no campo da didática, oferece reflexões que permitem pensar a prática pedagógica a partir do reconhecimento das diferenças.

A pesquisa sobre educação teatral inclusiva, em complementação, inclui um diálogo com os estudos de Rosana Carla do Nascimento Givigi, Lucas Wendel Silva Santos e Erica Daiane Ferreira Camargo (2023), que discutem o teatro e a comunicação alternativa no contexto do teatro e comunicação alternativa em escolas inclusivas. A investigação também se fundamenta em reflexões decorrentes da formação e experiência profissional no campo educacional.

Da mesma forma, tal apreciação também é evidente no Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 13.005/2014, que estabelece objetivos e ações

relacionados à arte, à educação e à acessibilidade na formação em artes, com destaque para o teatro.

Outro exemplo é o Programa Artefato, se trata de um caso apresentado pelo IFAL, intitulado "Teatro como Dispositivo de Inclusão nas Escolas Públicas de Satuba". Ele mostra como o teatro pode operar fora de um contexto artístico (IFAL, 2022). Reconceitua-se como pedagogia praticada no contexto escolar que pode fomentar um senso de pertencimento, participação e conscientização. Cujo estudo foi realizada no município de Maceió em 2022. A partir de março, enfatizou produções teatrais e discutiu o que fazer para abolir as barreiras que inibem a independência, permanência e sucesso acadêmico de alunos com necessidades especiais.

No Estágio IV (2023), ocorreu um seminário sobre autismo na câmara municipal de São Cristóvão. Provedores de educação e saúde, bem como famílias de crianças com TEA, estavam presentes no encontro. Os discursos foram marcantes. Nesta seção, especificamente, os relatos das mães ilustraram os desafios que os indivíduos enfrentam na experiência cotidiana da escola, frequentemente associados à falta de preparação das instituições para as singularidades do desenvolvimento infantil. Tal vivência ultrapassou o caráter formativo, contribuindo significativamente para a delimitação do objeto de estudo.

A partir dessas experiências, o tema desta pesquisa foi moldado diretamente pelas experiências descritas e enfatizou a importância de pensar em práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas. Em termos de organização deste trabalho, a investigação está organizada em dois capítulos. O primeiro capítulo, Teatro na Educação: Perspectivas Conceituais, Históricas e Educacionais, é uma discussão abrangente dos antecedentes teóricos do teatro na educação, formação inclusiva, teorias e prática, princípios e pressupostos que informam o teatro e a educação inclusiva. O segundo capítulo, Teatro, Inclusão e Alunos com TEA e TDAH fornece uma visão geral da literatura sobre o uso teatral da inclusão para alunos que têm TEA e TDAH. Este capítulo discute a definição, base teórica, bem como aspectos práticos e implicações da inclusão teatral na educação.

CAPÍTULO 1 – TEATRO NA EDUCAÇÃO: ASPECTOS CONCEITUAIS, HISTÓRICOS E EDUCACIONAIS

1.1 O teatro: Aspectos conceituais e históricos

O teatro é uma das expressões artísticas humanas mais antigas e acompanha a evolução das civilizações. Em termos do que se entende por teatro, é na verdade uma forma de arte além do entretenimento organizado como uma linguagem humana de articulação do corpo, voz, emoção e imaginação. Desde tempos imemoriais, tem sido associado às demandas simbólicas das sociedades como um modo de comunicação, ritualização, transmissão de valores e reflexão coletiva sobre a realidade social. Tem estado entrelaçado com ritos religiosos, rituais simbólicos e celebrações comunitárias, proporcionando a oportunidade de representação, um meio de transmissão moral e estruturação social (Campanini; Rocha, 2021).

As práticas teatrais passaram a ter novos significados e a cumprir várias funções sociais, culturais e educativas. Um exemplo disso é o Renascimento, período em que as performances realizadas em praças públicas na Itália ampliaram o acesso do público ao teatro. Isso ajudou na democratização da arte e reforçou seu papel social e educativo ao reunir diversos grupos sociais em experiências estéticas coletivas (Kubaski, 2013).

Os autores Barbara Doukay Campanini e Marcelo Borges Rocha (2021) observam que, no Brasil, as práticas teatrais passaram a ser documentadas de forma sistemática durante o período colonial, quando os jesuítas começaram a usar o teatro como instrumento pedagógico ao realizarem a catequese entre a população indígena. Nessas representações, o teatro assumiu uma natureza amplamente pedagógica e ideológica, buscando propagar a doutrina cristã enquanto impunha valores culturais europeus. Esse contexto evidencia que, desde sua inserção no território brasileiro, o teatro esteve vinculado a processos educativos e políticos.

Ainda que inicialmente associado a interesses religiosos e colonizadores, sua utilização como instrumento pedagógico contribuiu para consolidar a compreensão do teatro como recurso de ensino. Em 1777, um decreto real reconheceu o teatro como uma instituição de ensino, atribuindo-lhe a função de disseminar princípios de política,

moralidade, civismo e amor à pátria, além de valores como cuidado, lealdade e obediência aos governantes (Campanini; Rocha, 2021).

Com o passar do tempo, essa função foi ressignificada, ampliando-se para perspectivas que valorizam a formação crítica, a expressão individual e a participação social.

No início do século XX, emergiram os primeiros fundamentos da arte e educação moderna. Arte-educadores como Rudolf Töpffer e Franz Cizek identificaram a expressão artística na infância como um processo educativo importante, essencial para o crescimento das habilidades cognitivas, sociais e emocionais das crianças. A arte é valorizada não apenas pelo seu produto final, mas também como um meio de aprendizado e entendimento, gerando uma visão que conecta criação, educação e subjetividade (Audi, 2021)

Para Spolin (2010), no século XVII, as artes no contexto escolar eram mais visíveis, nas quais as encenações escolares procuravam praticar a memória e a oratória, e aborda o processo de “experenciar”, na qual,

Experiência consiste em imergir no ambiente e se conectar de forma total e orgânica a ele. Isso implica um envolvimento em diversas dimensões: intelectual, física e intuitiva. Dentre essas três, o aspecto intuitivo, que é fundamental para o processo de aprendizagem, tende a ser subestimado. (SPOLIN, 2010, p. 3).

O foco no jogo e, ao fazê-lo, retém o momento presente entre os participantes e proporciona a organização da ação, pois oferece ao aluno uma tarefa concreta a cumprir, aliviando a ansiedade e, em última análise, promovendo a participação no processo teatral (SPOLIN, 2012). Em tal cenário, os processos estéticos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral do indivíduo. Proporcionando experiências que incentivam a autonomia, a criatividade e a habilidade de agir de forma crítica no mundo. Ao envolver o aprendiz em atividades práticas que reproduzem cenários desafiadores. Assim, o fazer artístico combina diversão, prazer e satisfação na solução de problemas, tornando-se um recurso pedagógico eficaz.

A transição para uma perspectiva artística focada na verdade emocional exigiu novas metodologias, encontrando nas contribuições de Constantin Stanislávski um

ponto de ruptura fundamental. Stanislávski deslocou a atenção da simples reprodução de textos para a elaboração de uma performance autêntica e encarnada, onde a experiência subjetiva do intérprete é o alicerce para a criação cênica. Esta mudança de paradigma é essencial para a educação moderna, pois permite que o fazer teatral deixe de ser um exercício de repetição técnica para tornar-se um processo de exploração das emoções e da identidade do aluno.

Essa valorização da subjetividade permitiu que o teatro se expandisse para contextos populares e periféricos, transformando-se em ato de resistência política. As peças apresentadas em teatros populares retratavam a vida cotidiana dos trabalhadores, evidenciando desigualdades sociais e a busca por democratização da arte. Nesse sentido, a trajetória do teatro popular preparou o terreno para que as pedagogias modernas focassem não apenas no resultado político, mas no desenvolvimento humano através do jogo.

Em suma, a trajetória histórica e conceitual do teatro revela sua potência como linguagem humana que transcende o mero entretenimento, consolidando-se como um dispositivo capaz de acolher a subjetividade e a diversidade. Ao transitar de práticas coloniais e oratórias para pedagogias focadas no 'experienciar' e na verdade emocional, o teatro estabelece um campo fértil para a inclusão. No contexto de alunos com TEA e TDAH, essa prática torna-se um dispositivo essencial, pois permite que a aprendizagem ocorra de forma orgânica, respeitando o tempo e as singularidades de cada estudante, transformando o espaço escolar em um ambiente de participação crítica, autonomia e real transformação social.

1.2 O teatro na educação

Em um contexto educacional, o teatro pode desempenhar um papel relevante no projeto de cidadania. Ele ajuda os alunos a se expressarem, interagirem e desenvolverem habilidades interpessoais. Ser acessível sugere não apenas mudar espaços e recursos, mas criar as condições que permitam o acesso pleno à experiência artística, sem barreiras físicas, cognitivas ou sociais.

Nesse cenário, o teatro emerge não apenas como uma manifestação artística entre outras, mas como um canal privilegiado para intermediar a vivência humana.

Deste modo, a singularidade do teatro reside na habilidade de integrar corpo, palavra, emoção e ação de forma simultânea, elementos que, quando unidos, transcendem a fragmentação típica de modelos educacionais excessivamente racionalistas, e isso complementa a aprendizagem de forma efetiva. (Audi, 2021)

Ao operar nesse campo de interseção, o teatro viabiliza processos de emancipação dos sentidos e da linguagem, fomentando o crescimento de uma consciência crítica que se constrói na ação, e não apenas na abstração discursiva. Essa interpretação é corroborada pela citação de Audi (2021), que coloca o teatro como uma prática estética capaz de mudar as maneiras de perceber e compreender a realidade. Nesse sentido, a transposição da realidade para o plano simbólico permite que o sujeito rompa com a passividade cotidiana, transformando o espaço da cena em um laboratório de experimentação social onde o aprendizado se dá por meio da vivência estética.

Logo, Cunha (2020) defende que a educação visa formar indivíduos com base em saberes e práticas que foram historicamente vivenciados por gerações anteriores, buscando estabelecer modos de pensar, fazer e agir. Nota-se dessa premissa que o ensino não deve ser compreendido como um acúmulo estático de informações, mas como um fluxo contínuo de tradições que demandam ser reatualizadas pelo aprendiz para que ganhem novo fôlego e aplicabilidade no presente. De maneira similar, o teatro utiliza narrativas criadas ou vividas por determinados grupos sociais e as apresenta, expondo-as a diferentes indivíduos e contextos. Essa operação simbólica transcende a mera transmissão de narrativas, pois também promove processos de identificação, reflexão e ressignificação da experiência humana.

Percebe-se, sob essa ótica, que o teatro atua como um elo dinâmico entre o acervo cultural da sociedade e a subjetividade do aluno. Ao reinterpretar as narrativas históricas e sociais mencionadas por Cunha (2020), a prática cênica permite que o educando não seja apenas um receptor passivo de informações, mas um agente que ressignifica o mundo ao seu redor por meio da ação dramática. Essa mediação entre o coletivo e o individual é o que possibilita o desenvolvimento de uma consciência social crítica, fundamentada na vivência direta de conflitos e resoluções simbólicas que espelham a complexidade da vida em comunidade.

Portanto, o fazer teatral na escola consolida-se como um território de mediação pedagógica, onde o patrimônio cultural da humanidade encontra a potência criativa do estudante, resultando em uma formação que é, simultaneamente, técnica, sensível e cidadã.

Nesse sentido, a peça teatral na sala de aula também serve a um propósito pedagógico. Como explicado por Koehler (2018, p. 31-32), a peça teatral intensifica um dos impulsos básicos que os seres humanos têm. Esse tipo de experiência nos torna mais propensos a inventar variações corporais; os seres humanos podem se mover de um papel dentro da sociedade para outros e dentro de certos espaços de representação. Essa experimentação leva os alunos a se realizarem, a encontrarem várias dimensões de sua identidade e a produzirem uma imagem recorrente de situações cotidianas.

Em ação contínua, os alunos estão engajados em ação e reflexão. A peça teatral na sala de aula é um exemplo primordial na prática instrucional de ensino e aprendizagem. A peça intensifica o impulso humano de criar formas corporais e transformar o potencial humano em papéis sociais e situações simbólicas Koehler (2018, p. 34). O experimento ajuda os alunos a se descobrirem, a explorarem aspectos multifacetados de sua identidade e a construir e recriarem encontros cotidianos de forma iterativa, em um processo de ação e reflexão.

Koehler (2018, p. 46) chega a afirmar que o próprio teatro pode criar novos corpos, conjuntos de expectativas e caminhos a seguir, reformulando corpos, vidas e o espaço-tempo de criação. A significância dessa alteração vai além do visual, pois ela atinge a essência da cognição, das emoções e das interações humanas, consolidando o teatro como um pilar fundamental na jornada educacional da comunidade escolar.

Conclui-se, portanto, que a transposição do cotidiano para o espaço cênico escolar não constitui meramente uma atividade recreativa, mas um processo de reconstrução identitária. Ao permitir que o discente experimente diferentes papéis sociais em um ambiente controlado e seguro, o teatro viabiliza a exploração de subjetividades que, muitas vezes, são silenciadas no ensino tradicional. Essa dinâmica de ação e reflexão consolida-se como um mecanismo essencial para o desenvolvimento da autonomia e da autopercepção do estudante diante das

complexidades das relações humanas.

Segundo Coelho (2014, p. 1222), “embora o teatro na educação seja ainda pouco explorado pelas escolas no Brasil, ele é, sem dúvida, uma atividade pedagógica que promove não só a inclusão, mas também a socialização dos alunos no ambiente escolar”. As atividades teatrais instigam a criatividade, a expressão corporal, o trabalho em equipe e a imaginação, o que amplia as oportunidades para o uso de diversas linguagens expressivas no contexto escolar.

Desta forma, entende-se que o teatro se torna mais do que o treinamento técnico de atores; constitui-se como um meio educacional que proporciona uma formação holística, buscando uma visão mais ampla e global do ensino.

Nesse sentido, a defesa de uma educação holística por meio das artes cênicas implica em reconhecer a pluralidade das linguagens expressivas como direito pedagógico. Ao afastar-se do rigor técnico da formação de atores e focar na expansão das capacidades imaginativas e colaborativas, o teatro democratiza o acesso ao conhecimento sensível. Tal abordagem reafirma a premissa de que a inclusão escolar efetiva-se quando as dinâmicas de ensino se adaptam às potencialidades singulares de cada aluno, promovendo um aprendizado que integra corpo, mente e coletividade.

Porto (2018) afirma que as artes teatrais nas escolas transformam o espaço escolar em uma cena lúdica e criativa, onde objetos do cotidiano ganham novos significados e ideias entram em cena, a imaginação também vem à tona. Esse aspecto lúdico incentiva os alunos a brincar e contribui para a imersão dos alunos e possibilidades no ensino e aprendizagem.

Conclui-se que a ludicidade proposta por Porto (2018) atua como o elo entre o conhecimento formal e a vivência subjetiva do educando. A transformação do espaço escolar em um cenário de criação rompe com a passividade pedagógica, incentivando uma imersão que é, simultaneamente, intelectual e sensorial. Essa resignificação do cotidiano através do fazer teatral estabelece um terreno fértil para que a aprendizagem ocorra de maneira significativa, fundamentada na curiosidade e na exploração ativa do mundo ao redor.

Já faz mais de uma década que o sistema legal reconheceu o teatro como

elemento de estudo no currículo brasileiro. A Constituição Federal de 1988 já reconhecia as artes como parte da educação escolar. Posteriormente, a Lei que altera a LDB para incluir as quatro linguagens da Arte como componente curricular obrigatório nº 13.278/2016, estabeleceu as linguagens artísticas, entre elas o teatro, como componentes obrigatórios da Educação Básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa abordagem ao conceituar o papel pedagógico da Arte como espaço de criação, fruição e reflexão (BRASIL, 2017).

Assim, o teatro na educação se configura como um campo legítimo e relevante, que pode ser utilizado para o avanço de práticas pedagógicas mais enérgicas, sensíveis e coerentes com as demandas atuais. Conforme Santos (2015), o fenômeno teatral ocorre sempre que há a relação entre encenação e público, podendo manifestar-se em qualquer ambiente adaptado para tal finalidade. Essa característica amplia as possibilidades de inserção do teatro em contextos educativos, tornando-o acessível e flexível às diferentes realidades escolares.

1.3 Educação Inclusiva e Neurodiversidade

O conceito de neurodiversidade tem ganhado atenção crescente nos últimos anos. Dezem et al. (2025) mostram que a inclusão bem-sucedida não é resultado de ações isoladas nem uma questão de adaptações específicas, mas sim uma síntese de flexibilidade curricular e metodológica, métodos de avaliação adaptados e engajamento ativo da família.

Nesse sentido, foca-se no contexto cultural que está enraizado na educação e enfatiza abordagens de ensino que transcendem a homogeneidade da prática pedagógica na educação, respeitando a diversidade das pessoas. Assim, surgem as noções de educação inclusiva, onde os espaços educacionais devem ser construídos para acomodar as diferenças, pois estas fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

“As diferenças são então concebidas como realidades sociohistóricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências

a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação.” (Candau, 2011, p.246.)

O papel da escola e da família nesse processo educacional e como ele se conecta à escolarização promove a consistência nas práticas de ensino, permitindo ajustar-se às necessidades do aluno. Isso está em consonância com a pesquisa relativa à pedagogia, que promove a valorização da diversidade e da equidade no âmbito educacional. Dessa forma, essa nova reconstrução destaca de maneira clara a realidade palpável de uma educação inclusiva, permitindo que todos aprendam por meio do amplo acesso aos sistemas educacionais baseados no princípio da inclusão.

Nesse sentido, conforme estabelece a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), a educação inclusiva fundamenta-se na premissa de que todos os estudantes, independentemente de suas particularidades individuais, devem participar plenamente do processo de ensino-aprendizagem. A responsabilidade pela inclusão, portanto, não recai exclusivamente sobre o indivíduo, mas sobre a comunidade escolar e sobre as políticas educacionais, que devem revisar estruturas, currículos, metodologias e processos avaliativos para garantir acessibilidade e equidade.

É aqui que reside a importância estratégica da prática teatral e artística. Segundo Silva Filho (2025, p. 21), a prática teatral atua “contribuindo para o desenvolvimento socioemocional e comunicativo desses estudantes, promovendo inclusão e autonomia” as práticas artísticas são importantes para o crescimento e adaptação, especialmente em contextos inclusivos/diversos — elas fornecem formas de expressão, comunicação e participação no processo criativo. Ao integrar corpo, emoção, linguagem e experiência, o teatro está diretamente ligado aos princípios da neurodiversidade e da educação inclusiva — pedagogias que valorizam, apreciam e acentuam a individualidade de cada pessoa.

Portanto, a forma como Souza (2018 p. 12), Alencar, Barbosa & Gomes (2021 p. 45) e Silva Filho (2025, p. 24) delineiam uma visão pedagógica e ética de inclusão em que a diversidade é entendida como um requisito a ser aceito e incluído nos processos de escolarização. Ao trabalhar com alunos com TEA e TDAH, é importante focar em métodos de abordagem que considerem as diversas formas de comunicação, expressão e interação.

O teatro se revela um dispositivo de escuta e acolhimento, destacando-se por sua natureza pedagogicamente responsiva. Ao contrário de modelos que aprisionam o saber em padrões rígidos, a linguagem teatral abre espaço para adaptações metodológicas que respeitam a singularidade de cada estudante. Nesse sentido, Givigi, Santos e Camargo (2022) argumentam que a inclusão de alunos neurodivergentes não é apenas uma tarefa técnica, mas um compromisso que exige transcender a prática tradicional para abraçar dimensões éticas e sociais mais profundas.

Sob essa ótica, a neurodiversidade deixa de ser lida pelo viés da falta ou da doença para ser celebrada como parte intrínseca da riqueza humana. Como bem pontuam os autores: "O conceito de neurodiversidade, em oposição ao modelo médico de deficiência, propõe que as diferenças neurológicas sejam reconhecidas e respeitadas como qualquer outra variação humana." (Givigi; Santos; Camargo, 2022, p. 5).

Ao redefinir condições como o TEA e o TDAH como formas legítimas de existência e cognição, a adaptação curricular deixa de ser um "ajuste paliativo" e assume o papel de pilar central da prática inclusiva. Essa transformação não visa apenas facilitar o acesso, mas honrar as diferentes formas de estar no mundo:

"Reconhece-se, assim, que a adaptação não se resume apenas a simplificar conteúdos, mas a transformar as formas de interação e de expressão do conhecimento, respeitando os múltiplos processos de aprendizagem." (Givigi; Santos; Camargo, 2022, p. 6).

Compreende-se, portanto, que o sucesso da inclusão é fruto de um esforço coletivo e mediado. A participação plena da criança neurodivergente não ocorre isoladamente; ela floresce em uma rede de apoio onde o afeto e a técnica caminham juntos. Conclui-se, em diálogo com os autores, que:

"[...] o trabalho de mediação pedagógica e a colaboração entre professores, mediadores e familiares são fundamentais para construir condições onde as experiências de aprendizagem ocorram através da prática de maneira não rígida." (Givigi; Santos; Camargo, 2022, p. 7).

1.4 O teatro como prática pedagógica inclusiva

O pode servir como um aliado importante na educação inclusiva. Sendo expressivo como a experiência coletiva que apoia, a experiência sensorial que abrange permite a geração de experiências para engajar os participantes através de suas individualidades.

Segundo Silva Filho (2025, p. 24), tais pedagogias inclusivas, como o teatro, contribuem significativamente para uma sociedade mais justa e equitativa.

Proporciona um espaço educativo onde cada estudante tem a oportunidade de se manifestar intelectualmente. Entretanto, surgem significativos desafios, como a inadequada formação dos professores para atender às necessidades específicas de alunos com deficiência, a carência de recursos adaptáveis e a resistência das instituições em implementar abordagens de ensino flexíveis e inovadoras (Silva Filho, 2025, p. 24). O autor ainda levanta questionamentos sobre a discrepância entre o reconhecimento teórico das vantagens do teatro inclusivo e sua efetiva implementação nas escolas.

Embora haja avanços nas políticas públicas voltadas para inclusão e no discurso pedagógico, a prática teatral inclusiva continua enfrentando barreiras estruturais importantes. A ampla adoção do teatro inclusivo nas instituições educacionais públicas do Brasil ressalta esses obstáculos. Além da sua dimensão estética, o teatro pode ser considerado uma prática social capaz de fomentar reflexão crítica e transformação. "O teatro escolar é uma ferramenta eficaz para a ampliação das interações sociais, a redução da ansiedade e o fortalecimento da identidade dos discentes autistas, consolidando-se como um espaço de inclusão e transformação." (Silva Filho, 2025, p. 21).

Neste contexto educativo, a prática teatral promove o desenvolvimento da autonomia, da expressão e da participação ativa dos alunos, especialmente em propostas inclusivas. Estudos como os de Viola Spolin (2010) e Rosana Carla do Nascimento Givigi et al. (2020) demonstram que as práticas teatrais no ambiente escolar podem facilitar a comunicação e a interação social, principalmente quando integradas a estratégias pedagógicas que valorizem ludicidade, expressão não verbal e escuta atenta.

Nesse sentido, pesquisas sobre educação teatral e inclusão têm explorado o uso do teatro como estratégia pedagógica que media comunicação e interação social. Givigi, Santos e Camargo (2023) apontam que atividades expressivas favorecem a participação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ampliando formas de comunicação e fortalecendo vínculos sociais.

Candau, que defende pedagogias sensíveis à diversidade como base para uma educação inclusiva.

"Atividades de reforço e atendimento individual das necessidades específicas dos alunos para que possam vencer os déficits são mobilizadas sempre que possível, mas as condições disponíveis muitas vezes não o permitem, o que gera muita tensão nos educadores, assim como buscas de como articular igualdade, concebida como homogeneização, e equidade, que aponta para o reconhecimento da necessidade de diferenciação." (Candau 2011, p. 252).

O teatro valoriza características como energia criativa e espontaneidade dentro do processo educativo, integrando-as positivamente às atividades pedagógicas. Assim sendo, quando implementado no ambiente escolar com planejamento reflexivo, o teatro transcende seu caráter puramente artístico para assumir um papel formativo e inclusivo.

Ao levar em conta as especificidades dos alunos com TEA e TDAH, as práticas teatrais podem criar experiências pedagógicas mais relevantes colaborativas e humanizadas em consonância com os princípios da educação inclusiva. Dentro dessa abordagem, o teatro atua como um facilitador da comunicação sensível à construção coletiva de significados conforme discutido por Silva (2012).

Como forma artística multifacetada, o teatro possui diversas possibilidades aplicativas em contextos artísticos educativos sociais ou culturais. Essa versatilidade torna-o uma prática eficaz para aprendizagem e desenvolvimento humano ao promover interações entre indivíduos enquanto exercitam empatia através da vivência em diferentes papéis em situações variadas.

Com relação ao espaço teatral entende-se que ele vai além das construções convencionais podendo ocorrer em qualquer local onde haja interação entre atores e públicos.

Essa concepção amplia as possibilidades de inserção do teatro em contextos educativos diversos. Givigi, Santos e Camargo (2023) destacam que o lugar teatral é

formado tanto pelo espaço de atuação quanto pelo espaço de recepção do espectador, podendo existir em qualquer local adaptado para a realização do fenômeno teatral, desde que haja a relação entre quem atua e quem observa.

O ensino do teatro no Brasil, após um processo gradual de reconhecimento institucional, foi formalizado como componente curricular obrigatório pela Lei nº 13.278/2016. Essa lei alterou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, consolidando a importância das Artes na formação dos estudantes

Antes disso, já havia indicativos legais sobre a importância das atividades artísticas no ambiente escolar, como na Lei nº 4.024/1961, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que, ao tratar da organização do Ensino Médio, previa a inclusão de atividades complementares de iniciação artística. Esses marcos legais evidenciam o reconhecimento do teatro como parte integrante da formação educacional e cultural dos estudantes.

Ao analisar esse cenário, percebe-se que a consolidação do teatro como componente obrigatório não é apenas uma vitória burocrática, mas uma mudança profunda na identidade da disciplina. Com a chegada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o teatro ganha contornos muito bem definidos dentro da área de Linguagens e suas Tecnologias (BRASIL, 2018). Isso significa que ele deixa de ser visto como aquela atividade festiva ou meramente ilustrativa, voltada apenas para apresentações em datas comemorativas, para se tornar um campo de conhecimento que exige pesquisa, rigor e consciência corporal.

Essa nova ótica proposta pela BNCC reforça que as linguagens artísticas devem servir para que o estudante domine diversas formas de expressão, desenvolvendo uma visão crítica sobre a cultura que o cerca (BRASIL, 2018). Quando olhamos para a estrutura do Novo Ensino Médio, essa potência se torna ainda mais evidente através dos Itinerários Formativos. Nessas trilhas, o teatro permite uma interdisciplinaridade real, onde o aluno não é um receptor passivo, mas o protagonista do seu próprio processo de criação.

É nesse exercício prático das cenas e dos ensaios que competências gerais da Base, como a empatia e a cooperação, saem do papel e ganham vida. Ao se colocar

no lugar do outro (o personagem) e trabalhar em grupo, o estudante desenvolve o repertório cultural e a inteligência socioemocional, cumprindo a meta de formação integral estabelecida pela Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017). Dessa forma, o teatro no Brasil de hoje deve ser compreendido como um recurso estratégico. Ele permite que o jovem entenda sua própria subjetividade e, ao mesmo tempo, aprenda a atuar de forma consciente e questionadora na sociedade em que vive.

CAPÍTULO 2 – TEATRO, INCLUSÃO E ALUNOS COM TEA E TDAH

2.1 A poética teatral como experiência pedagógica no contexto educacional

A poética teatral, no campo da educação, pode ser compreendida como o conjunto de processos criativos, expressivos e simbólicos que emergem da experiência teatral. Diferentemente de uma abordagem voltada exclusivamente ao produto final como a montagem de um espetáculo, a poética teatral enfatiza o percurso, as vivências e os sentidos construídos coletivamente ao longo do processo pedagógico. Nessa perspectiva, reconhece-se que cada sujeito vivencia o processo artístico de forma singular, atribuindo sentidos próprios às experiências propostas.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa refere-se ao respaldo legal que sustenta a educação inclusiva no Brasil. A legislação educacional assegura o direito à escolarização de todos, independentemente de suas condições, e reconhece a importância das linguagens artísticas no currículo escolar. Essa obrigatoriedade é ratificada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece em seu Artigo 26, § 6º: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 1996).

Documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforçam o papel do teatro como componente curricular. Contribuindo para o desenvolvimento cultural, cognitivo, emocional e social dos alunos. Esse respaldo

fortalece a compreensão do teatro como recurso pedagógico legítimo. E alinhado aos princípios da inclusão e da equidade.

2.2 O papel do educador na mediação das experiências teatrais

Um aspecto central da obra de Spolin é a concepção do professor como mediador do processo teatral. O papel do professor não é tão somente o de transmissor de conteúdo ou avaliador de desempenho. Na verdade, é também o papel de facilitador de experiências, alguém que estabelece condições para que a aprendizagem surja a partir da experiência prática. Essa ideia de mediação pedagógica sustenta a educação inclusiva, pois pressupõe uma abordagem de ensino que é flexível, sensível e atenta às respostas dos alunos, respeitando seu tempo e suas possibilidades.

Há uma percepção de que o professor é central para a gestão de práticas teatrais inclusivas. Mais do que um transmissor de conteúdo, cabe ao professor construir contextos pedagógicos que promovam a escuta, o diálogo e a cooperação entre os alunos. O professor, em um sentido de poética teatral, torna-se um mediador do processo criativo, permitindo o tempo, as restrições e as potencialidades de cada aluno. Como Cunha e Santos (2017) nos lembram que o educador é uma parte essencial do processo de inclusão de crianças com TDAH, pois cabe ao educador ajustar o ambiente escolar, empregando vários métodos pedagógicos e defendendo práticas que melhorem a aprendizagem e o bem-estar dos alunos. Isso reforça a necessidade de planejamento deliberado por parte dos educadores ao usar o teatro como um meio pedagógico inclusivo.

Essa prática teatral é como corpo, voz, emoção e imaginação são articulados para proporcionar experiências educacionais que priorizam a expressão, a interação social e a participação ativa dos alunos. Essas características são particularmente pertinentes no ensino de crianças com TEA e TDAH, pois esses alunos precisam de práticas educacionais flexíveis e contextualizadas.

2.3 O teatro como experiência sensível e formativa

Ainda que essa reflexão não esteja direcionada especificamente a alunos com TEA ou TDAH, observa-se que seus princípios dialogam diretamente com necessidades frequentemente presentes nesses estudantes. Como por exemplo, dificuldade de atenção sustentada, a ansiedade, os desafios na comunicação e na interação social.

A importância de Viola Spolin (2015, p. 29), neste estudo não reside em uma abordagem direta da neurodiversidade e sim, na potência de seus princípios pedagógicos, que favorecem práticas educativas. Sendo eles menos excludentes e mais abertos à diversidade humana. Ao compreender o teatro como um espaço de jogo, experimentação e relação. Spolin oferece fundamentos que permitem pensar o fazer teatral como uma prática capaz de acolher diferentes modos de aprender, de se expressar e de se relacionar com o outro. Sua obra constitui uma referência essencial para este TCC por sustentar uma concepção de teatro alinhada aos princípios da educação inclusiva, mesmo sem utilizar essa nomenclatura.

As contribuições de Viola Spolin evidenciam potencial do jogo teatral como estratégia pedagógica fundamentada na ação, na experiência e na ludicidade. Ao propor o aprendizado por meio do fazer, a autora valoriza a participação ativa e a construção coletiva do conhecimento.

No entanto, Spolin não usa uma retórica específica para caracterizar o termo educação inclusiva; contudo, seus pressupostos metodológicos nos permitem ver o teatro como uma prática pedagógica sensível às singularidades dos indivíduos, alinhada com os princípios de inclusão no contexto escolar.

Isso sugere que o teatro oferece uma oportunidade de abraçar tanto abordagens teatrais quanto não musicais na pedagogia, e de responder às diferentes maneiras dos alunos processarem, entenderem e vivenciarem, modificando o conteúdo de acordo com as necessidades dos alunos e evitando a homogeneização

da experiência de aprendizagem com a uniformidade dos padrões.

Com relação à didática de aplicar o teatro para crianças com TDAH, existem dificuldades, logo,

A elaboração de didáticas para crianças com TDAH esbarra na dificuldade de reconhecer e conciliar os estímulos adequados aos que têm o transtorno e aos que não tem. O fato de crianças com TDAH não fixarem a atenção em determinada atividade é justamente pela falta de estímulos adequados a sua situação. O comum é que crianças com o transtorno tendem a cobrir o maior número possível de informação, isto é, ao invés de se focar em algo em específico e estabelecer uma direção final, eles tentam captar tudo que está à sua volta. Como consequência, ao executarem determinada atividade qualquer coisa ao seu redor lhes chamam a atenção. (Cunha, 2020, p. 185).

Segundo Cunha (2020, p. 190), uma abordagem fundamental para lidar com as três principais características do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) reside na transformação das informações obtidas em cenas teatrais. Ao utilizar o teatro como dispositivo, onde a criatividade tem um papel preponderante em relação à disciplina, a desatenção dos indivíduos com TDAH pode ser compensada pelo interesse genuíno em participar ativamente da atividade teatral.

Dessa forma, o teatro, quando inserido no ambiente escolar de maneira planejada e reflexiva, configura-se como um recurso que ultrapassa o caráter meramente artístico, assumindo uma função formativa e inclusiva. Ao considerar as especificidades de alunos com TEA e TDAH, as práticas teatrais favorecem experiências pedagógicas mais significativas, colaborativas e humanizadas, alinhadas aos princípios da educação inclusiva.

2.4 Relato de experiência no trabalho com crianças com TEA e TDAH

Na ONG IDESA, no projeto Abraçando Vidas, foi montado um Workshop de Criação de Personagens para crianças que utilizava o teatro como meio de expressão, interação e aprendizado. O ambiente proporcionou uma atmosfera lúdica e segura, permitindo que as crianças praticassem voz, emoções e imaginação e criassem personagens em grupo e individualmente.

As atividades foram planejadas de acordo com os princípios de Viola Spolin, com direção clara e definição objetiva do que deveria ser alcançado. Essa técnica promoveu foco, engajamento, atividade e envolvimento das crianças, particularmente

aquelas que tinham dificuldades de comunicação ou características relacionadas ao TEA e TDAH. As crianças puderam aprender no seu próprio ritmo, de acordo com suas habilidades e limitações.

Consequentemente, o papel mediador do professor ou facilitador é enfatizado; é destacado que as condições são construídas nas quais as experiências de aprendizagem ocorrem através da prática de maneira não rígida. O workshop revelou que o teatro inclusivo é um dispositivo pedagógico que pode inspirar a participação pessoal e em grupo e a autoexpressão, respeitando a individualidade dos alunos e a consolidação de práticas de ensino em linha com o princípio da inclusão como processo.

Figura 1: Oficina de criação de personagens com crianças, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Referente a figura 1 acima, a presença da máscara na atividade amplia o campo de experimentação. Ao utilizá-la, os estudantes podem explorar personagens e emoções sem a exposição direta da própria identidade, o que tende a gerar maior segurança e liberdade expressiva. Para alunos com TEA e TDAH, propostas como essa podem contribuir para a organização da atenção e para o desenvolvimento da comunicação, especialmente em suas dimensões não verbais. O jogo teatral oferece uma estrutura clara, mas ao mesmo tempo permite criação e improviso, o que possibilita diferentes formas de participação.

Figura 2: Oficina de criação de personagens com crianças, 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

Na Figura 2, os estudantes estão organizados em roda, todos posicionados no mesmo nível, sentados no chão. Essa escolha espacial não é aleatória. Ao formar o círculo, altera-se a dinâmica tradicional da sala de aula, geralmente estruturada de forma hierárquica. A roda favorece a circulação da palavra, aproxima os participantes e cria um ambiente em que o olhar e a escuta ganham centralidade. O professor, nesse contexto, não ocupa um lugar de superioridade, mas atua como mediador das interações.

A mediação pedagógica, nesse cenário, não se resume à condução da atividade. Ela envolve observar o grupo, perceber ritmos distintos, intervir com sensibilidade e ajustar estratégias sempre que necessário. O professor acompanha, orienta e cria condições para que cada estudante participe dentro de suas possibilidades. Assim, o teatro ultrapassa o campo artístico e se configura como prática educativa que favorece convivência, expressão e inclusão.

No workshop realizado no projeto Abraçando Vidas, a atmosfera lúdica permitiu que as crianças explorassem sua imaginação de forma segura. Essa prática vai ao encontro do que defendem Gonçalves, Koehler e Gonçalves (2018, p. 123), ao

afirmarem que o teatro oferece '[cor]possibilidades' para a criança experimentar o mundo e a si mesma por vias sensíveis que fogem aos métodos tradicionais de ensino.

As reflexões apresentadas neste capítulo têm como base principal a pesquisa bibliográfica, dialogando com literatura especializada sobre teatro e educação inclusiva. Contudo, o trabalho também incorpora elementos de natureza empírica qualitativa, fruto de uma vivência prática em um ambiente de ensino não formal com crianças em idade escolar, a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado e dos registros produzidos nesse contexto. As situações descritas e as imagens apresentadas não configuram um estudo de caso formal, mas funcionam como relatos reflexivos que dialogam com o referencial teórico e contribuem para a compreensão dos conceitos discutidos.

2.5 A prática teatral e o respeito às singularidades

No que diz respeito à inclusão, a prática pedagógica deve levar em conta que os alunos são únicos. O teatro é mutável e adaptável o suficiente para criar propostas que respeitem diferentes ritmos, formas de participar de um processo e modos de expressão. Atividades baseadas em gestos, imagens, objetos cênicos e narrativas simbólicas para uma turma de alunos com Transtorno do Espectro Autista podem apoiar interações sociais e comunicativas.

Para aqueles com TDAH, a atividade física, o movimento e o potencial para a criação criativa, além de intencional, os mantém engajados o tempo todo e ajudam a direcionar a energia de maneira construtiva e criativa. Aqui, a poética teatral não prescreve um único modo de participação, mas uma multiplicidade de formas de estar no espaço educacional. Essa característica reforça o potencial do teatro como prática inclusiva, capaz de promover o pertencimento e a valorização das diferenças dentro do ambiente escolar.

2.6 O teatro como possibilidade de uma educação mais humanizada

A presença teatral no ambiente educacional, particularmente a partir de uma

lente poética e inclusiva, ajuda a construir uma educação mais humanizada. O teatro também se afasta de modos pedagógicos altamente normativos e homogêneos ao enfatizar o corpo, a emoção, a criatividade humana e a escuta.

Nesse sentido, a experiência teatral possibilita que os alunos sejam reconhecidos como sujeitos integrais, com histórias, sentimentos e formas próprias de aprender. Para estudantes com TEA e TDAH, essa abordagem representa uma oportunidade de participação efetiva. De maneira respeitosa e significativa no processo educativo.

E então, o teatro consolida-se como uma linguagem potente para a promoção da inclusão. Do diálogo e da convivência com a diversidade, reafirmando seu papel como prática pedagógica transformadora no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da questão norteadora deste estudo — se o teatro pode se constituir como um dispositivo pedagógico inclusivo para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) — conclui-se que a linguagem teatral se manifesta como uma prática promissora. Mostra-se capaz de promover a inclusão, a expressão e a socialização, desde que estruturada de forma sensível, planejada e atenta às singularidades de cada estudante.

A natureza pedagógica do teatro mostra-se coerente com as necessidades da educação inclusiva. Para estudantes com TEA e TDAH, a cena revela-se um espaço de acolhimento no qual a prática, elaborada de modo consciente e fundamentada na individualidade, fomenta uma educação mais participativa e humanizada. Ao longo desta pesquisa, observou-se o teatro não apenas como entretenimento, mas como um recurso que acolhe as diferentes formas de aprendizagem, demonstrando-se relevante para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

A partir da análise realizada, as dinâmicas teatrais apresentam um campo de possibilidades para o fortalecimento da atenção, além de favorecerem a comunicação e a cooperação, com ênfase no ganho de autoestima e no sentimento de pertencimento ao grupo. Nesse sentido, o teatro proporciona um território para a experiência colaborativa. Ao propor atividades dramáticas a alunos com TEA, novas vias de comunicação como o corpo, o gesto e as expressões simbólicas podem ser exploradas, construindo laços e permitindo interações mais significativas.

Da mesma forma, as estratégias teatrais auxiliam no direcionamento da energia de alunos com TDAH, contribuindo para a realização das atividades quando a criatividade e a espontaneidade são integradas como eixos centrais do processo. Diferente de uma análise estritamente teórica, estas reflexões foram consolidadas pela natureza empírica e qualitativa das experiências vivenciadas no estágio

supervisionado, fornecendo caminhos para interpretar o teatro como uma prática educacional inclusiva.

Assim, o teatro não se limita ao campo da Arte; consolida-se como um instrumento educacional alinhado aos princípios de um sistema escolar aberto à diversidade. Em última análise, este estudo evidenciou que a relação entre educação e teatro é inerente, pois ambos colocam a experiência humana no centro do processo. Ao transpor o cotidiano para o cênico, o ambiente escolar deixa de ser um espaço de uniformidade e passa a constituir-se como um solo fértil para a valorização das singularidades. Espera-se que este trabalho contribua para a superação de barreiras pedagógicas e inspire novas práticas que reconheçam no teatro um dispositivo de emancipação e sensibilidade educacional.

REFERÊNCIAS

AUDI, Sérgio Luis. O teatro na perspectiva de uma educação emancipadora. Tese (Doutorado em Educação, Linguagem e Psicologia) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-14122021-165222/publico/SERGIO_LUIS_AUDI.pdf. Acesso em 1 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Entre 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade**. Brasília, DF, 20 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>. Acesso em: 1 fev. 2026.

Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2022 Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf>. Acesso em 1 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 11 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 11 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 jun. 2014, Seção 1, p. 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 7 fev, 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 7 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.278**, de 2 de maio de 2016. Altera a Lei nº 9.394/1996, referente ao ensino da arte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13278.htm. Acesso em: 11 abr. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/t/tea>. Acesso em: 12 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Ciências da Educação. Núcleo de Desenvolvimento Infantil. **Práticas pedagógicas na educação infantil**. Organização: Eloisa Helena Teixeira Fortkamp; Maria Isabel de Medeiros. Florianópolis: NDI/CED/UFSC, 2012. 248 p. Disponível em: <https://ndi.ufsc.br/files/2013/08/Praticas-pedagogicas-na-Ed-Inf.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2026.

CAMPANINI, Barbara Doukay; ROCHA, Marcelo Borges. O teatro na educação brasileira para a construção do pensamento científico: um estudo na formação inicial de professores. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 27, e21073, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320210073>. Acesso em: 16 Jan. 2026.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2011/vol11/no2/15.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2026.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years**. *MMWR Surveillance Summaries*, v. 72, n. 2, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm>. Acesso em: 27 fev. 2026.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1215-1224, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br>. Acesso em: 16 Jan. 2026.

CUNHA, Junior. O teatro do oprimido como método pedagógico para pessoas com TDAH. In: CUNHA, Junior (Org.); NYAMIEN, Francy Rodrigues da Guia (Coord.). **Oficinas pedagógicas para uma educação inclusiva**. 1. ed. e-book. Toledo, PR: Instituto Quero Saber, 2020. p. 181–200. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/handle/deposita/222>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SANTOS, Lucas Wendel Silva; CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento. Educação teatral e o uso da comunicação alternativa: uma proposta para crianças com autismo. **Revista da FUNDARTE**, v. 55, n. 55, 2023. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1211>. Acesso em: 20 nov. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. **O teatro como instrumento de inclusão nas escolas públicas de Satuba**. Satuba, AL: IFAL – Campus Satuba, 2022. Projeto de extensão. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br/campus/satuba/extensao/projetos/projetos-2022/FinalOteatrocomoinstrumentodeinclusonasescolaspblicasdeSatuba.docx1.pdf>.

Acesso em: 11 dez. 2025.

KOEHLER, Rafael. *Teatro na Educação Infantil: entre o jogo e a performance*. Curitiba, 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação. Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58228>. Acesso em: 01 fev. 2026.

GONÇALVES, Jean Carlos; KOEHLER, Rafael; GONÇALVES, Michelle Bocchi. *Teatro e Performance na Educação Infantil: [cor]possibilidades para uma educação sensível*. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 52, p. 121-136, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/31940>. Acesso em: 24 jan. 2026.

KUBASKI, Francielle. *Centro de Artes Cênicas Astor*. 2013. Trabalho de Conclusão de Graduação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/95558>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PORTO, Lucas Ulguim. **O Teatro na escola pública: um campo de possibilidades**. 2018. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Teatro Licenciatura) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/teatro/files/2018/12/TCC-Lucas-Ulguim-Teatro-na-escola-Pública-um-campo-de-possibilidades.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

SILVA, Ana Ribeiro da. *O jogo teatral e a inclusão dos portadores de deficiências*. Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", 6., 2012, São Cristóvão. **Anais** eletrônicos... São Cristóvão: EDUCON, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10174/13/12.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA FILHO, João Batista da. *Discente autista no palco do teatro escolar: corporeidade, acessibilidade e expressão artística*. **SCIAS-Arte/Educação**, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.21 -34, jan./jun.2025. disponível em: <https://revista.uemg.br/scias/article/view/9484>. Acesso em: 1 fev. 2026.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. Perspectiva: São Paulo, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Autism**. 17 set. 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 1 fev. 2026.